

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

BORDERLANDS / LA FRONTERA: LA NUEVA MESTIZA DE GLORIA ANZALDÚA:
PERSPECTIVA DE GÊNERO E DECOLONIALIDADE NA LITERATURA CHICANA

BÁRBARA LIMA MUSSILI

Rio de Janeiro

2023

BÁRBARA LIMA MUSSILI

BORDERLANDS / LA FRONTERA: LA NUEVA MESTIZA DE GLORIA ANZALDÚA:
PERSPECTIVA DE GÊNERO E DECOLONIALIDADE NA LITERATURA CHICANA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licencianda em Letras na habilitação
Português/Espanhol.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elena Cristina Palmero
González

Rio de Janeiro

2023

M989 Mussili, Bárbara Lima

Borderlands / La frontera: La nueva mestiza de Gloria Anzaldúa: perspectiva de gênero e decolonialidade na literatura chicana / Bárbara Lima Mussili – Rio de Janeiro, 2023
50 f.

Orientadora: Elena Cristina Palmero González
Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, 2023.

1. Literatura Hispano-Americana. 2. Literatura Chicana. 3. Decolonialidade. 4. Gênero. 5. Gloria Anzaldúa. I. González, Elena Cristina Palmero. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2023. III. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Bárbara Lima Mussili
DRE: 119062078

BORDERLANDS / LA FRONTERA: LA NUEVA MESTIZA DE GLORIA ANZALDÚA:
PERSPECTIVA DE GÊNERO E DECOLONIALIDADE NA LITERATURA
CHICANA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licencianda em Letras na habilitação Português/Espanhol.

Data de avaliação: 12/11/2023

Banca Examinadora:

NOTA: 10


Prof.^a Dr.^a Elena Cristina Palmero González – Presidenta da Banca Examinadora
Professora Titular de Literaturas Hispano-americanas – UFRJ

NOTA: 10

Prof. Dr. Rafael Eduardo Gutiérrez Giraldo – Leitor Crítico
Professor Adjunto do Departamento de Letras Neolatinas – UFRJ

MÉDIA: 10

Assinatura dos avaliadores:



Este trabalho é inteiramente dedicado a cada mulher escritora terceiro mundista que escreve, apesar de tudo e contra toda ordem hegemônica, para que sua literatura seja legado.

AGRADECIMENTOS

Nesta trajetória, eu reverencio à Gloria Anzaldúa que me ensinou muitas coisas, mas uma das mais importantes é minha conexão com meu Sagrado e Ancestralidade dentro da fluidez que precisamos construir no mundo. Reverencio, então, Oyá e Oxum, e minhas avós maternas Júlia (in memoriam) e Judith (in memoriam) que tenho certeza me olham lá do Orum.

Agradeço imensamente...

...meus familiares pelo amor nas horas mais difíceis. Meu companheiro e amor da vida, André, que nunca aceitou que eu desistisse, e, principalmente, que eu deixasse de acreditar. Minha mãe, Lígia, que, por razões tão relacionadas a este trabalho, não queria que eu fosse professora e meu pai, Uriel (in memoriam), que diria que eu sou uma baixinha teimosa.

...meus filhos Gustavo e Léo que me fizeram acreditar que a UFRJ era um sonho alcançável. Marlene, amiga e mãe do coração, que tantas vezes mandou que eu levantasse a cabeça. Minhas filhas emprestadas, Gabi, Luiza e Giovanna por serem inspiração de mulheres corajosas. Minha irmã, Adriana, por todas as mensagens de afeto e minha irmã do coração, Mariana Acorse, pelo socorro nas horas práticas e troca nas passeatas da vida exercendo nossa prática feminista.

...minhas amigas Patrícia Geórgia, Mônica Firmida, Anna Paola Pierucci, Sibele Zabolotny, Rosi Guimarães, Ilza Rovai e Anna Magdalena. Cada uma no seu jeito, com palavras, abraços, trocas e risadas. À Bianca, especialmente, que, no auge da crise de todos os pratinhos para equilibrar, me trouxe a epifania: “começa a escrever qualquer coisa”.

...minha querida e admirada Prof.^a Dr.^a Elena Cristina Palmero González que acreditou em mim pela via da Literatura Neolatinas, me levando à descoberta da minha pesquisa e me orientando num desafio de amadurecimento como graduanda e pesquisadora.

...Andressa Cristine, Carlos Eduardo Grey, Jéssica Barbosa, Júlia Mendes, Laís Lima, Leticia Macedo, Lívia Pietro, Nathália Tertuliano, Paloma Mynsen e Thaynná Porto. Se não fosse o acolhimento de vocês, com certeza, teria sido muito mais difícil, talvez impossível.

...minhas orientadoras Cristiane Madalêno e Déborah Souza, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp), pelos ensinamentos e momentos inesquecíveis na prática da minha docência e as faço representar toda a inesquecível comunidade capiana.

...minha primeira prof.^a de espanhol, Eline Rezende, com quem muito aprendi nos projetos de Monitoria e Extensão e minha prof.^a e querida amiga Aline Ponciano.

...minhas prof.^a Mariana Patrício e prof.^a Luciana di Leone, do Laboratório Feminista e prof.^a Margarita Olivera, do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Economia e Feminismos (NuEFEM), com as quais muitas das primeiras reflexões teóricas surgiram.

...todos/as/es que fizeram parte da minha trajetória na Faculdade de Educação, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no Curso de Línguas abertas à Comunidade (CLAC), na Formação Ativa de Língua Estrangeira On-line (FALE On-line), na EDUCAFRO e na vida.

A gratidão não cabe no infinito. Toda minha amorosidade para vocês.

MEDITACIÓN EN EL UMBRAL

*No, no es la solución
tirarse bajo un tren como la Ana de Tolstoi
ni apurar el arsénico de Madame Bovary
ni aguardar en los páramos de Ávila la visita
del ángel con venablo
antes de liarse el manto a la cabeza
y comenzar a actuar.*

*No concluir las leyes geométricas, contando
las vigas de la celda de castigo
como lo hizo Sor Juana. No es la solución
escribir, mientras llegan las visitas,
en la sala de estar de la familia Austen
ni encerrarse en el ático
de alguna residencia de la Nueva Inglaterra
y soñar con la Biblia de los Dickinson
debajo de la almohada de soltera.*

*Debe haber otro modo que no se llame Safo
ni Mesalina ni María Egipcíaca
ni Magdalena ni Clemencia Isaura.*

Otro modo de ser humano y libre.

Otro modo de ser.

Rosario Castellanos

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como objetivo o estudo da perspectiva decolonial e de gênero na obra *Borderlands / La Frontera: La Nueva Mestiza* da escritora chicana Gloria Anzaldúa, demarcando uma nova possibilidade de fronteiras múltiplas entre o território e o emocional. A literatura feminina chicana é precursora de um feminismo decolonial, interseccional e, principalmente, das Teorias Queer na América Latina. Ao avesso de um feminismo hegemônico branco, as feministas chicanas abriram outras possibilidades para discutir as interseccionalidades e as singularidades de um feminismo transfronteiriço, sendo a obra de Anzaldúa, e especialmente *Borderlands / La Frontera*, uma referência até hoje.

Palavras-chaves: Literatura Hispano-Americana; Literatura Chicana; Decolonialidade; Gênero; Gloria Anzaldúa; *Borderlands / La Frontera*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1. PARA ACESSAR AO ESTUDO DA LITERATURA CHICANA: QUESTÕES CONCEITUAIS.....	12
1.1. DECOLONIALIDADE E FRONTEIRAS.....	12
1.2. INTERSECCIONALIDADE (RAÇA, CLASSE, GÊNERO E SEXUALIDADE)	14
CAPÍTULO 2. A LITERATURA CHICANA: QUESTÕES HISTORIOGRÁFICAS.....	18
2.1. MÉXICO, A CULTURA CHICANA E A FORMAÇÃO DA LITERATURA CHICANA.....	18
2.2. FRONTEIRA, RAÇA, CLASSE, GÊNERO E SEXUALIDADE NA LITERATURA CHICANA.....	25
CAPÍTULO 3. ANÁLISE DE <i>BORDELANDS / LA FRONTERA: LA NUEVA MESTIZA</i>.....	27
3.1. GLORIA ANZALDÚA E SUAS FRONTEIRAS.....	28
3.2. <i>BORDELANDS / LA FRONTERA</i> : TEMAS E ESTRUTURA DO LIVRO.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

Neste trabalho monográfico desenvolvemos uma análise de *Borderlands / La Frontera: La Nueva Mestiza* (1987) da escritora chicana Gloria Anzaldúa, não somente uma das principais obras da autora, mas também um texto canônico da literatura chicana e latino-americana, no sentido de sua abrangência de resgate cultural, linguístico e teórico, com singular impacto no pensamento teórico do feminismo chicano, *mestizo*, de cor, translíngue e queer.

Mas este estudo teve duas leituras como antecedentes, leituras que motivaram uma comparação entre obras, entre autoras e, principalmente, entre realidades históricas contextuais, realidades que se opõem e que justificam o teor decolonial da reflexão de Anzaldúa. Refiro-me à leitura de *A Room of One's Own*¹ (1929) da escritora inglesa Virginia Woolf, um compêndio de dois artigos apresentados pela autora para duas faculdades, exclusivas para mulheres, parte da Universidade de Cambridge (WOOLF, 2021)² e do ensaio “Falando em línguas: uma carta para mulheres do terceiro mundo” de Gloria Anzaldúa, que começou a ser escrito em 1979 e foi publicado em *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*, em 1981.

Woolf foi convidada para falar sobre as mulheres e a ficção: “Quando vocês me pediram para falar sobre mulheres e a ficção, eu me sentei às margens de um rio e comecei a me perguntar o que essas palavras significam” (WOOLF, 2021, p.17).

Desde o início ela concluiu que qualquer que fosse a intenção do convite para falar sobre o tema, por exemplo, falar sobre a ficção que é escrita sobre as mulheres, como ela mesma escreveu *Mrs. Dalloway* (1925), ou escrita por homens com protagonistas mulheres como *Anna Karenina* (1877) do escritor russo Liev Tólstói ou *Madame Bovary* (1856) do escritor francês Gustave Flaubert, a tarefa poderia resultar inconclusa.

Desta forma, Woolf propõe um jogo, com personagens ficcionais para atribuir verossimilhança ao ensaio que discute a educação das mulheres para que possam sustentar-se financeiramente e ter um espaço que lhes garanta a segregação entre a vida pessoal e a vida profissional.

Neste momento, a ensaísta dá voz à narradora “lá estava eu...sentada às margens de um rio, uma ou duas semanas atrás, num belo dia de outubro, perdida em pensamentos...à direita e à esquerda, arbustos de algum tipo, dourados e escarlates, fulgiam com a cor...” (WOOLF, 2021, p.19).

¹ *Um quarto só seu* (2021) na tradução da Editora Bazar do Tempo.

² Nota da editora

Todos esses comentários nos levam à algumas reflexões. Temos Woolf, mulher branca, cisgênero e heterossexual de classe média alta (seu marido era proprietário da editora que a publicava), reconhecida, lecionando em uma universidade inglesa para jovens mulheres que, embora tivessem acesso à educação, ainda assim eram pessoas deslocadas em um lugar estranho por não poderem andar no gramado (só permitido aos homens) e assim Woolf cria também a estranha figura de um gato sem rabo, uma metáfora para a mulher na universidade.

Já para falar do segundo ensaio, cabe dimensionar que a aparição do texto da chicana se dá no contexto de um país como os Estados Unidos, com grande poder hegemônico político e econômico no cenário mundial da época, com impactos nas economias e sociedades do chamado Terceiro Mundo³, e polarizando uma Guerra Fria com a União Soviética.

Desta vez, temos a acadêmica, escritora, ensaísta e ativista política Gloria Anzaldúa, mulher de cor, *mestiza*, chicana, feminista e lésbica, formulando uma carta para escritoras do Terceiro Mundo, cinquenta anos depois de Woolf.

A contraposição entre estes dois ensaios revela a distância, não somente física e temporal, mas de condição de vida entre as mulheres que começaram a reivindicar seus direitos em países-metrópoles e as mulheres de países colonizados, herdeiras da ancestralidade colonizada, subtraídas de sua voz e cultura, que somente tiveram impacto no cenário no movimento feminista quando passou-se a teorizar sobre interseccionalidade, decolonialidade e gênero.

Gloria Anzaldúa não sentou-se às margens de um rio e o perfil de suas leitoras não era de mulheres brancas universitárias.

Eu me sento aqui nua sob o sol, máquina de escrever contra joelhos, tentando visualizar vocês. Mulher negra fincada na mesa do quinto andar de algum apartamento em Nova York. Sentada numa varanda do sul do Texas, uma chicana abana mosquitos e o ar quente, tentando despertar as brasas amornadas da escrita. Mulher indiana caminhando para escola ou para o trabalho, lamentando a falta de tempo para trançar a escrita dentro de sua vida. Asiática- americana, lésbica, mãe solteira, puxada em todas as direções pelas crianças, pela amante, pelo ex-marido e pela escrita. (ANZALDÚA, 2021a, p.43-44).

Ela escolhe o gênero textual carta para se aproximar desta diversidade de subjetividades que são invisibilizadas por atravessamentos, seja cor, cultura, raça, gênero ou religião. Mulheres que escrevem sob uma perspectiva de uma literatura translíngua, com um código linguístico

³ O termo se refere aos países em desenvolvimento, mas se costuma também designar como subdesenvolvidos, no sentido de que nunca conseguiriam se liberar do sistema liberal capitalista, produtores de matéria-prima, ou seja, as antigas colônias do Velho Mundo.

perpassado por suas línguas ancestrais, a de seus colonizadores, as de origem, a de sua mestiçagem: a língua selvagem.

O direito a escrever dessas mulheres não passa por um quarto todo seu. Na verdade, elas ainda são julgadas e devem encaixar-se num modelo ideal inexistente para elas.

Com o objetivo de esclarecer as nuances que nascem da comparação feita, propomos analisar uma literatura que nasce na fronteira física de um território colonizado e a influência do pensamento feminista nesta escrita, alicerçado no estudo de um texto que expressa e discute amplamente estes problemas: *Borderlands / La Frontera: La Nueva Mestiza*.

O trabalho em questão está delineado em três partes. O primeiro capítulo é de perfil teórico e explicita as bases conceituais que sustentam o estudo. O segundo capítulo é de perfil historiográfico e facilita ao leitor uma contextualização histórica do processo colonizatório do México pela Espanha e posteriormente o tratado que permitiu a expansão territorial dos Estados Unidos com o conseqüente surgimento da comunidade chicana. O terceiro capítulo é de teor analítico. Nele apresentaremos a autora e um estudo de *Borderlands / La Frontera: La Nueva Mestiza*, enfatizando em seus principais temas. Nas considerações finais, fazemos algumas reflexões para os problemas que afetam as subjetividades das pessoas do sexo feminino, porém de gêneros plurais, nascidas em territórios colonizados e disputados.

As perspectivas que dão luz a este trabalho dizem respeito à questão da decolonialidade e do gênero. O primeiro, porque é um aspecto preponderante na obra de Anzaldúa por fazer suscitar sua identidade, ancestralidade e mestiçagem. O segundo, porque reforça sua subjetividade ao perpassar todas as demais questões, como raça e classe social, permitindo a discussão teórica do feminismo interseccional e *queer*.

Sendo assim, pensamos na formulação de três possíveis tensões entre o pensamento e a literatura de Anzaldúa. Quem é *La Nueva Mestiza*? É possível decolonizar o pensamento através da literatura ou a literatura escrita por estes sujeitos estaria restrita ao nicho mercadológico? Para além de toda a subjetividade da autora, como o feminismo converge com a prática, no sentido das interseccionalidades, incluindo a teoria *queer* pensada por Anzaldúa? As páginas que seguem tentam responder essas perguntas.

CAPÍTULO 1 – PARA ACESSAR AO ESTUDO DA LITERATURA CHICANA: QUESTÕES CONCEITUAIS

1.1. DECOLONIALIDADE E FRONTEIRAS

Todos os dias em todo lugar milhares de mulheres negras racializadas “abrem” a cidade. Elas limpam os espaços de que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar. Elas desempenham um trabalho perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, tudo muito prejudicial à saúde delas. Geralmente viajam por longas horas de manhã cedo ou tarde da noite. (VERGÈS, 2020, p.18)

Com o intuito de aprofundarmos nos questionamentos sobre a decolonialidade, uma primeira referência teórica que trazemos é o pensamento da cientista política francesa, Françoise Vergès, que viveu em Reunião, uma antiga colônia francesa (Século XVII-XX), atualmente um departamento ultramarino francês. Sua obra, *Um feminismo decolonial* (2020), trata de um texto que oferece uma visão radical sobre o tema, contrapondo-o ao que ela chama de feminismo civilizatório.

Para compreender a visão da autora, é importante apresentar alguns conceitos. Segundo Vergès, o trabalho que atualmente muitos de nós classificamos como subalterno é invisibilizado e serve ao *modus operandi* do patriarcado e ao sistema capitalista neoliberal. Logo, as pessoas que desempenham essas funções são principalmente mulheres racializadas e mal remuneradas. Neste aspecto, insere-se o feminismo civilizatório, eurocêntrico, que não considera o passado escravagista e colonial destas mulheres para incluir este tema na práxis feminista.

Por esta razão, também cabe diferenciar os conceitos de colonização e colonialismo, pois o primeiro é o processo histórico, e o segundo é o resultado social decorrente deste processo. Já, “os feminismos decoloniais estudam o modo como o complexo racismo / sexismo / etnicismo impregna todas as relações de dominação, ainda que os regimes associados a esse fenômeno tenham desaparecido.” (VERGÈS, 2020, p.41).

Esse pensamento corrobora como *Borderlands* produz conhecimento, já que a Anzaldúa consumiu conhecimento da branquitude, classe média-alta, durante sua vivência escolar. Também enfatiza a existência do colonialismo como uma espécie de continuidade implícita das relações e dominações, a nível da educação e construção de identidades que ainda são permeadas pelo binômio de inferioridade/superioridade na sociedade, seja por uma questão racial, étnica, de classe, de gênero e/ou de sexo.

Por exemplo, se abordamos o racismo estrutural na sociedade, se pensarmos nestas questões como fronteiras identitárias, obviamente que o título da obra objeto de estudo traz acoplado aos termos *Borderlands / La Frontera*, a expressão *La Nueva Mestiza* como uma marcação importante da interseccionalidade. A *mestiza* é uma pessoa de sexo biológico feminino, mas também é resultado da mescla. Sabemos que ela é uma mulher de cor. Deduzimos que sua mestiçagem resulta do encontro de raças provocado pela colonização. No caso de Anzaldúa, como veremos adiante, uma mestiçagem em duas etapas (colonização espanhola e domínio do território mexicano pelos Estados Unidos). E mesmo que ela esteja no território que lhe coube na história das gerações anteriores da sua família, ela é “o outro”, sofre preconceito racial por essas fronteiras identitárias que é ser uma mulher de cor, chicana, lésbica, ainda que tenha alcançado prestígio pessoal e profissional nos seus diversos campos de atuação.

O racismo estrutural, a subalternização, a invisibilidade, a opressão, a sexualização dos corpos, a exploração, entre possíveis outras formas de domínio, portanto, são o colonialismo perpetuado conceituado por Vergès (2020), muitas vezes disfarçados pela chamada democracia racial e a suposta cordialidade nas relações sociais, isso ratifica que a ausência do regime colonial não resulta na ausência do colonialismo. O pensamento decolonial, presente principalmente no feminismo negro, contextualizado nas interseccionalidades, é um dispositivo imprescindível para além das discussões presentes nos feminismos hegemônicos que o antecederam.

Passando ao tema das fronteiras, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, temos para este termo uma primeira acepção: “Limite que demarca um país e o separa de outro (s).” (2009, p.932). No entanto, também temos, fronteiras que sobrepõem a dimensão geográfica, isto é, fronteiras culturais, fronteiras linguísticas, ou aquela última acepção que considera a expressão “fronteira viva” como “Fronteira que está sob tensão, móvel, sujeita a várias alterações, em função de guerras, conflitos armados etc.” (2009, p.932).

Em *Borderlands / La Frontera: La Nueva Mestiza*, uma obra que genericamente transita entre o autobiográfico, o ensaístico e o poético, discute-se centralmente este conceito. Para Anzaldúa

Una frontera es una línea divisoria, una fina raya a lo largo de un borde empinado. Un territorio fronterizo es un lugar vago e indefinido creado por el residuo emocional de una linde contra natura. Está en un estado constante de transición. Sus habitantes son los prohibidos y los baneados. Ahí viven los atravesados: los bizcos, los perversos, los queer, los problemáticos, los chuchos callejeros, los mulatos, los de raza mezclada, los medio muertos; en resumen, quienes cruzan, quienes pasan por encima o atraviesan los confines de lo “normal”. (ANZALDÚA, 2021b, p.42)

Para complementar, na visão dos estudos de Stelamaris Cozer (2016), a fronteira se relaciona com as identidades e provoca os sismos entre culturas, o que interfere nas temáticas que vamos tratar como gênero, raça, classe e etnia. Inclusive, Cozer (2016) sinaliza que o apagamento destas temáticas reforça a utilização termo *frontier*, assim como *border* em relação ao México e aos Estados Unidos que a pensadora menciona a importância da publicação de *Borderlands*, tanto no sentido físico quanto metafórico.

Por tanto, não é despropositado que Anzaldúa tenha se utilizado dos termos em inglês (*Borderlands*) e em espanhol (*La Frontera*). Desta forma, estas escolhas reforçam a relação da fronteira com a *mestiza*:

“A autora defende uma identidade profundamente *mestiza* nos âmbitos sexual, cultural, social, nacional, racial, étnico, linguístico e intelectual, abraçando ambivalências e contradições que levam a pensamentos e vivências novas, plurais e criativas, na vanguarda do mundo.” (COZER, 2016, p.155).

Cozer (2016) reconhece o não binarismo da fronteira em Anzaldúa, como “dois lados, duas línguas e duas culturas” (COZER, 2016, p.155). Ao contrário, esse espectro é mais amplo pois se explica por uma tendência de entrelaçamentos diversos ao longo do tempo. Se seria possível vislumbrar um mundo sem fronteiras para que culturas, línguas, literatura circulassem ou até mesmo política e economia social se integrassem, uma “América sem fronteiras”, se aproxima mais de uma utopia, ainda que, de fato, as fronteiras sirvam mais para um mundo globalizado, porém capitalista.

1.2. INTERSECCIONALIDADE (RAÇA, CLASSE, GÊNERO E SEXUALIDADE)

Pero ellas nunca dejaban su blanquitud en casa. Su blanquitud impregnaba todo lo que decían. Sin embargo, querían que yo renunciara a mi identidad chicana y me convirtiera en una de ellas; se me pedía que dejara mi raza en la puerta. (ANZALDÚA, 2021, p.276)

Em 1989, a jurista estado-unidense Kimberlé Crenshaw cunhou o termo “interseccionalidade” em seu artigo “*Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*”, que finalmente trouxe à luz a sobreposição de camadas de opressão em relação a inúmeras identidades que provocam violência e discriminação nas estruturas modernas. (AKOTIRENE, 2019, p.58)

Um texto fundamental para abordar o tema das interseccionalidades, questão central no pensamento decolonial de Anzaldúa, é o clássico ensaio “Colonialidade e gênero” da filósofa e investigadora feminista argentina María Lugones originalmente escrito e publicado em 2008.

Cabe comentar que Lugones (2008) pensa na colonialidade de cada uma das intersecções, porém, ela vai além, porque nos traz a mulher de cor como vítima da colonialidade do Estado e do patriarcado branco. Para ela, existe uma indiferença em relação a este problema e cremos que isso pode resultar justamente do quanto ainda é relativamente recente para o feminismo, como uma reivindicação lógica das mulheres que não se veem representadas no feminismo hegemônico.

Ainda que os estudos sobre interseccionalidades sejam considerados recentes, Lugones reforça que:

É interessante notar que essas comunidades, tanto as que estão em grandes centros urbanos do mundo (como Brooklyn, Los Angeles, Cidade do México, Londres) quanto as que estão nas comunidades rurais indígenas (do novo México, do Arizona, da Mesoamérica, da região Andina, da Nova Zelândia, da Nigéria) nunca aceitaram a invasão colonial passivamente. (LUGONES, 2020, p.53).

Neste sentido, a autora reconhece a importância dos feminismos de mulheres de cor do Terceiro Mundo como exemplo nos estudos e trabalho sobre gênero, raça e colonização, porém, por vezes excluídos do bojo do feminismo “central”. Além de conceber em seu projeto, trabalhos sobre gênero, raça e colonização, bandeiras das feministas de cor, incluindo as mulheres de cor do Terceiro Mundo, Lugones (2020) também se utiliza do conceito de “colonialidade do poder”, cunhado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano, “central aos trabalhos sobre colonialidade do saber, colonialidade do ser e decolonialidade.” (LUGONES, 2020, p.54).

Ao comparar estes estudos, a autora chega ao que ela chama de “sistema moderno-colonial de gênero”, uma forma de perceber a raiz da imposição de gênero desde a colonização e como esse processo é maléfico do ponto de vista da opressão. É com a necessidade de entendê-lo que Lugones se aproxima do conceito de Quijano que, para ele, reside no atual poder capitalista eurocêntrico e global, organizado com base na colonialidade do poder e na modernidade. Este cenário não aborda diretamente a perspectiva da subordinação das mulheres colonizadas e não brancas.

Para Lugones (2020), uma vez que uma sociedade, por razões históricas, se organiza em termos de gênero, ela não teria que ser necessariamente patriarcal e heterossexual, sendo assim, a colonialidade do poder se pautaria no elemento raça e classe social, o que é uma questão eurocêntrica e capitalista. Porém, a colonialidade não estaria relacionada somente à raça e a sociedade é patriarcal e heteronormativa, “atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade, intersubjetividade, e atravessa também a produção de

conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas.” (LUGONES, 2020, p.57).

Portanto, é a interseccionalidade entre categorias como gênero e raça que nos fazem entender seus efeitos a cada vez que não são incluídas as outras categorias como mulher e diferentes raças e etnias. Esse pensamento que podemos trazer, por exemplo, para a intersecção mulher, mestiça, chicana, de cor, de classe operária e lésbica.

Mas o gênero não pode ser reduzido à questão apenas do sexo e de seus recursos, assim como do entendimento biológico da questão. Para a filósofa Judith Butler, em sua obra *Problemas de Gênero* (2023), fala-se em “construção política do sujeito” (2003, p.19). Considerando, então, o sujeito “mulher”, provoca-se logo no título na primeira seção, do primeiro capítulo “*Mulheres* como sujeito do Feminismo”, porque o próprio movimento, ou os muitos feminismos, ou a cadência da chamadas “ondas”, não pensavam na intersecção e na fluidez do gênero, até o feminismo negro, em especial, trazer o conceito das interseccionalidades.

Butler traz como sua primeira epígrafe introdutória a também filósofa Simone de Beauvoir com a famosa citação: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BUTLER APUD BEAUVOIR, 2003, p.17). E assim, podemos confirmar com Butler que, quando assumimos a teoria feminista como embasamento, o sujeito que se representa legitimamente neste processo político é uma categorização social. Assim podemos compreender o posicionamento de Gloria Anzaldúa:

Para la mujer lesbiana de color, la rebelión última que puede llevar a cabo contra su cultura de origen es por medio de su comportamiento sexual. Se vuelve contra dos prohibiciones morales: la sexualidad y la homosexualidad. Lesbiana criada en la religión católica y adoctrinada como heterosexual, yo elegí ser *queer* (para algunas personas es inherente genéticamente). (ANZALDÚA, 2021, p.60).

Por fim, para as teóricas estadunidense Patricia Hill Collins (2021) e a turco-canadense Sirma Bilge (2021), que também pesquisam o termo, é interessante pensar que elas não somente desenvolveram mais um conceito de interseccionalidade, mas o definiram através das diferentes esferas que o levam em conta, principalmente, a partir do começo do século XXI.

Seja nas academias, em grupos de estudos de diferentes áreas, seja no ativismo e movimentos de base, as pessoas já o absorveram em seus trabalhos e, embora, haja diferenças de entendimento, é possível extrair alguns aspectos em comum e formular um conceito objetivo para nortear a análise desta questão em *Borderlands*.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2021, p.15-16).

CAPÍTULO 2 – A LITERATURA CHICANA: QUESTÕES HISTORIOGRÁFICAS

2.1. MÉXICO, A CULTURA CHICANA E A FORMAÇÃO DA LITERATURA CHICANA

Para uma melhor compreensão da obra de Alzaldúa e seus contextos, merece que nos detenhamos no tema da fronteira Estados Unidos/México e sua história de disputa. Para isso recorreremos à *Historia de México* (2014), um compêndio organizado pela pesquisadora mexicana Gisela Von Wobeser, que reúne trabalhos de um conjunto de pesquisadores mexicanos, todos membros da *Academia Mexicana de la Historia*.

De maneira geral, de acordo com Manuel Ceballos Ramírez (2014), vamos considerar a divisão regional geográfica do território mexicano em três grandes partes: o Norte, o Centro e o Sul. De todas as formas, do ponto de vista político a divisão se estabelece atualmente em cinco partes assim denominadas: México Central, as Vertentes do Golfo, do Pacífico e a do Norte e a Cadeia Centro-Americana e a Caribenha.

Segundo Miguel León-Portilla (2014), o território que hoje reconhecemos como México tem seus primeiros registros de povoamento há 25 mil anos. Deram início à agricultura e assim se estabeleceram fazendo crescer as aldeias que se formaram em torno do cultivo. Porém, foram os olmecas, na parte sul, que desde 1.500 a.C. se desenvolveram mais ativamente inclusive com edificações religiosas. Desde então, este crescimento se difundiu para o que se conhece como Mesoamérica, ou seja, “el área geográfica donde se desarrolló una civilización originaria” (LEÓN-PORTILLA, 2014, p.55).

Em seu período clássico, muitos povos se formaram no Altiplano Central, *Teotihuacan*, *Ciudad de los Dioses*, que chegou a contar com setenta mil habitantes, sendo uma de suas línguas o náhuatl que se expandiu por várias regiões, sendo mencionada como a língua ancestral que chegou aos tempos de Gloria Anzaldúa e da qual ela faz uso em seu translinguismo.

A cultura maya também se estendeu por uma grande região além das costas do Golfo do México, Mar do Caribe, até Guatemala, Belize e Honduras, sendo considerada a civilização originária que mais se desenvolveu em áreas como a matemática, a escritura e calendários, tendo também originado mais de trinta línguas diferentes. O considerado período pós-clássico mesoamericano desenvolveu-se até a chegada dos espanhóis.

A los años comprendidos entre 1200 y 1521 d.C. los arqueólogos han llamado Posclásico Medio y Superior. Durante ese lapso se desarrollaron nuevas crisis, reacomodos de pueblos así como el florecimiento de los mexicas o aztecas. Con ellos os se cerró la historia independiente de los habitantes de Mesoamérica. (LEÓN-PORTILLA, 2014, p.72).

Quando José M. Muriá (2014) descreve o “Encontro dos Mundos”, já sabemos a assimetria ocorrida entre os encontros destas culturas. O objetivo de conquista e colonização era um estratégia clara e quando os recursos caribenhos esgotaram-se, o comando central de Hernán Cortéz já tinha como destino México-*Tenochtitlan*, para aprisionar seu governante Moctezuma Xocoyotzin e aliar-se aos grupos inimigos. Em 1522, Cortéz tornou-se governador e capitão geral em nome da Coroa Espanhola do território conquistado. A conquista se expandiu por várias regiões.

Vale destacar a menção de León-Postilla (2104) que, além de toda a herança cultural pré-hispânica, há também uma importante herança literária por parte dos indígenas mayas, mixtecos e do Altiplano Central, textos em diversas línguas como o *náhuatl*, *maya*, *quiché*, *zapoteca*, dentre outros: “En ellos conserva, poemas y cantos, relatos míticos, antiguas oraciones, discursos y recordaciones históricas... Todo eso muestra cuantas cosas nos han llegado de la cultura prehispánica”. (León-Postilla, 2104, p.103).

Sobre a conquista de México, Muriá (2014) explica que, para a colonização, foram chamados os religiosos com uma das primeiras missões de apagamento cultural: a evangelização cristã. Sendo que freis, franciscanos, dominicos e agostinianos, tiveram como estratégia aprender o *náhuatl* para este objetivo. Neste sentido, se por um lado se conservava a memória do idioma, por outro se submetia os povos originários ao doutrinação de outra religião. Mesmo assim, podemos perceber esses atravessamentos, tanto idiomáticos, quanto sincréticos no sentido da religião.

A conquista foi marcada por disputas de territórios que envolviam os povos locais, também o padecimento dos indígenas por doenças das quais não possuíam imunidade, a exploração, a escravização, a violência do processo, assim como da colonização: “El saldo para los indígenas fue desastroso, pues su número se redujo más o menos a la mitad” (MURIÁ, 2014, p. 116).

Com a redenção do México-*Tenochtitlan* em 1521, Wobeser (2014) nos dá a saber uma data que, de certa forma, demarca a colonização, a partir de um outro nome, *Nueva España*, com mudanças de toda natureza geopolítica, a inclusão dos afrodescendentes como escravizados e uma nova formação político-econômica que se impunha gradativamente e uma nova composição de cultural, no sentido étnico: um país mestizo.

Sin embargo, a partir de la década de 1550 se inició una lenta pero progresiva hispanización que implicó la paulatina incorporación de la lengua castellana, el sistema jurídico español, la religión católica, la escritura occidental, la

economía de mercado, el pensamiento y las costumbres hispanos y la tecnología europea entre otros elementos. (WOBESER, 2014, p.119).

Em 1821, a independência do México, segundo Guedea (2014) já nos ambienta em um momento de decadência do império espanhol na América Latina e perda de suas colônias. No entanto, *Nueva España* é um território de intensas disputas. As diversas insurgências pelo poder político começaram com a ruptura do Pacto Colonial no evento conhecido como Grito de Dolores. O Plan Iguala, proclamado em 24 de fevereiro de 1821, declarou a independência e a monarquia como forma de governo, tendo sido reconhecido pela metrópole em 24 de agosto de 1821. A república foi somente instaurada em 1823 com a promulgação de sua constituição no ano seguinte.

Hubo consenso en cuanto a la forma de alcanzar la independencia; una vez lograda ésta, no lo hubo respecto de cómo debía constituirse la nueva nación. De esta manera, el país dio comienzo a su vida independiente sin haber resuelto los conflictos de intereses que se daban entre los distintos grupos, lo que incidiría negativamente en la consolidación del Estado nacional mexicano. (GUEDEA, 2014, p.119).

Em Vázquez (2014), temos duas questões específicas que resultaram na perda do território mexicano a partir da república. A primeira diz respeito ao evento tratado como independência do Texas. Havendo já uma situação territorial pendente desde 1819, não formalizada em termos de marcação de fronteiras, os norte-americanos foram ocupando estas terras por falta de fiscalização do tratado anteriormente acordado. Essa ocupação tomou grandes proporções e, em 6 de março de 1836, os ditos “colonos” declararam a independência do Texas que, em 1845, se anexou aos Estados Unidos.

A segunda questão é consequência deste movimento: a Guerra Mexicano-Americana (1846-1848), um conflito bélico assimétrico entre as forças mais modernas estadunidenses e o exército mexicano, que tomaram a *Ciudad de México* e impôs o Tratado Guadalupe Hidalgo em 1848, tomando as regiões do *Nuevo México* e Califórnia. Não se tratava de venda de território, considerando os mesmos conquistados, porém, se esperava indenização por danos correspondente a parte tomada. A população mexicana era majoritariamente rural e de origem indígena e a desigualdade econômica não tardou a se manifestar. Assim se formou a Comunidade Chicana no Estado do Texas, originariamente *la patria, Aztlán*.

Essa contextualização histórica, ainda que abarque apenas um conjunto de fatos resumidos, foi feita para uma melhor compreensão do tema que abordaremos. A ancestralidade e os elementos culturais dos povos originários forjaram uma sociedade com uma identidade

original, com suas línguas, suas crenças, suas narrativas, que, posteriormente, foi submetida ao impacto da cultura anglo-saxônica, desenvolvendo-se uma cultura mestiça, produto da colonização. Essa história de choque cultural e resistência pulsa no primeiro capítulo de *Borderlands/ La Frontera*, intitulado “La patria, Aztlán”.

Neste sentido, para pensar a comunidade chicana precisamos remontar-nos a um passado pré-hispânico, ao impacto da conquista e colonização espanhola e, na sequência, ao processo de recolonização por parte dos Estados Unidos, que estende suas fronteiras sobre o território mexicano e sacraliza essa invasão com o Tratado Guadalupe Hidalgo em 1848. Com razão Anzaldúa afirma que “La frontera entre Estados Unidos y México es una herida abierta donde el Tercer Mundo se araña contra el primero y sangra.” (ANZALDÚA, 2021b, p.42)

Héctor Calderón, em seu ensaio “A literatura chicana: notas para uma releitura histórica-literária” (2022) nos explica como se constituiu o movimento político chicano, composto inicialmente por trabalhadores agrícolas na Califórnia, que se manifestavam, com apoio dos estudantes mexicanos que, à época, apoiavam atos revolucionários, direitos civis e atos contra a Guerra do Vietnã. Desse movimento, surgiu o Teatro Campesino.

Logo, Calderón nos convida a esta reflexão de que este movimento não foi repentino.

Vale destacar que o debate da identidade já existia antes do Movimento Chicano, como demonstra o trabalho inicial de Paredes e Rechy, com suas referências históricas ao século XIX, quando o Rio Grande se tornou um limite político e não um ponto de união para as famílias mexicanas em ambos os lados do rio. (CALDERÓN, 2022, p.328).

Para adentrarmos no estudo da literatura chicana, é interessante fazer uma rápida caracterização da pós-modernidade latino-americana. Maria Mirtis Caser, em seu ensaio “O pós-modernismo latino-americano” (1996) aponta para as novas mudanças históricas e estéticas que começam a aparecer a partir da 2ª Guerra Mundial. Enfrentando essa nova realidade social, política e econômica, aparece um sujeito descentralizado na compreensão dos acontecimentos históricos do seu entorno. Caser menciona o trabalho de Linda Hutcheon que destaca como na literatura da pós-modernidade “convivem a ficção, a história e a teoria com fronteiras totalmente fluidas.” (CASER APUD HUTCHEON, 1996, p.112).

Na verdade, esse pensamento da pós-modernidade foi inicialmente visto na América Latina como contraditório e com muitas incertezas. Caser explica que para alguns críticos, ele não daria conta de nosso processo histórico de colonização e que suas posições seriam altamente

polêmicas e redutoras da realidade latino-americana. Mas outros defendem a singularidade de uma cultura pós-moderna latino-americana.

Essa defesa de um pós-modernismo latino-americano está sedimentada na miscigenação da formação de nossa cultura, com indígenas, camponeses e descendentes de escravos convivendo naturalmente com homens da cidade, possuidores de um nível de vida comparado ao dos grandes centros; o que daria origem a formas alternativas de produção cultural. (CASER, 1996, p.114).

Ou seja, na percepção da autora sobre a existência deste arcabouço que demarcaria um toda uma época cultural pós-modernista, a questão é que se reconhece o pertencimento da produção de mulheres de cor, pelas suas escritas não lineares, entremeadas e atravessadas, assim como quando Hutcheon (CASER APUD HUTCHEON, 1996) cita a sobreposição de discursos. Anzaldúa compreende que o discurso pós-modernista se caracteriza por textos e vivências que se referenciam uns aos outros e, se essa é uma essência do pensamento, a conclusão que se chega é que a escrita das pessoas de cor é o próprio movimento.

Calderón (2022) caracteriza a literatura chicana ou mexicana-estadunidense como uma produção escrita voltada para temáticas próprias da vivência desta comunidade, com grande diversidade, dado que ela pode se estender do norte do México ao norte dos Estados Unidos, questão esta que é melhor desenvolvida na contextualização histórica. Mas há um fator que se destaca nesta literatura. Para Calderón, esse fator refere-se ao bilinguismo dado que são autores de ancestralidade mexicana vivendo no Estados Unidos.

Já a pesquisadora cubana Elena Palmero González, em seu ensaio “Escritas translíngues e comunidades diaspóricas hispano-americanas contemporâneas” (2022), nos apresenta dois pontos importantes sobre a questão do bilinguismo / translanguismo. Em primeiro lugar, ela recupera a ideia de Gasparini (2010) em torno a uma “extraterritorialidade do pobre”, pensando o sujeito extraterritorial da contemporaneidade, não mais nas coordenadas do intelectual exilado moderno (sujeito letrado, culto, ciente da valia de sua língua), mas na perspectiva do sujeito diaspórico, das grandes massas de refugiados ou de trabalhadores empobrecidos que procuram melhores condições econômicas com a migração. E em segundo lugar, recupera o pensamento de Marie Louise Pratt (2014), autora que percebe o extraterritorial em função do mundo globalizado que inevitavelmente promove o multilinguismo e, conseqüentemente as “poéticas translíngues”.

Percebemos que na escrita chicana e, especificamente na escrita de Anzaldúa, o translanguismo é afetivo porque, se a linguagem afeta nosso ser, uma *mestiza* está sujeita a

encontrar palavras que melhor definam um dizer se elas estiverem em um determinado idioma que “resolva” melhor o enunciado.

Para Calderón, a literatura chicana “inicialmente considerada regional, foi adequadamente redefinida depois como transfronteiriça, transnacional e transurbana”. (2022, p. 325). Calderón menciona a John Rechy, um escritor e estudioso da tradição literária chicana, pois Rechy trouxe a questão sobre a possibilidade de choques fronteiriços, pois ainda que, neste espaço, a população mexicana fosse igual à população estadunidense e os mexicanos e seus descendentes nascessem em território norte-americano, eles continuariam falando espanhol e se referindo a Ciudad del México como sua capital.

Calderón (2022) explica que para formar esse pequeno sistema literário, coube também fundar a editora Quinto Sol⁴ em 1967, na Califórnia, começando com a publicação da Revista *El Grito: A Journal of Mexican American Thought* e seguindo o nicho de publicação de poesia e romance chicanos, tendo como público leitor sua própria comunidade.

No início da década de 80, merece destaque o advento de *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color* (1981) de Gloria Anzaldúa e Cherríe Moraga, assim como sua tradução para o espanhol editada por Moraga, *Esta puente, mi espalda: Voces de mujeres tercermundistas em los Estados Unidos* e traduzida por Ana Castillo e Norma Alarcón.

Pode-se dizer que *Bridge* foi uma revolução para a o movimento e a literatura chicana. Primeiramente, porque esta antologia reuniu testemunhos diversos, para desafiar o feminismo hegemônico. Sua proposta estava alinhada – o que veremos a seguir – com o que veio a ser o levante do feminismo não branco e pós-colonial. Em segundo lugar, ainda que *Bridge* tenha sido escrito por mulheres chicanas, latinas, afro-americanas, asiático-americanas e anglo-americanas, a recepção da obra foi bastante ampla nos Estados Unidos.

Uma característica dos escritos feministas destas mulheres era situar a posição da mulher no imaginário mexicano através de suas figuras históricas ou mitológicas, oferecendo narrativas que ressignificavam a perspectiva patriarcal e colonial do papel da mulher, seja na sociedade real ou no mundo imaginário.

Um exemplo desta construção está na história de *Malinche*, uma mulher que até então figurava na historiografia mexicana como traidora da nação por ter sido amante do conquistador espanhol Hernán Cortés. No ensaio de Alarcón, traz-se o poema de Rosario Castellanos, “Malinche”, “no qual a suposta traidora do México fala em primeira pessoa sobre injustiça de

⁴ O nome da editora leva o nome da era cósmica que vive a raça humana de acordo com a cosmovisão asteca. (Anzaldúa, 2021).

ser mulher dentro de uma família mexicana. Em “Malinche”, e através da voz poética de Castelhanos a narradora deixa claro que a vítima não é a traidora.” (CALDERÓN, 2022, p.333).

...Tal era el llanto y las lamentaciones
sobre algún cuerpo anónimo; un cadáver
que no era el mío porque yo, vendida
a mercaderes, iba como esclava,
como nadie, al destierro.
(CASTELLANOS, 1969)

Foi somente através do olhar feminista de autoras como Anzaldúa, Alarcón e Carmen Tafolla, no contexto de suas produções na literatura chicana, que se inverteu o olhar, mostrando a opressão sofrida pela mulher objetificada na sociedade colonizadora. E é sobre essa revisão do passado ancestral que essas escritoras chicanas se baseiam para expor o presente e suas subjetividades *mestizas*, translingues, decoloniais, lésbicas.

Inclusive, em *Borderlands*, também vamos encontrar Anzaldúa resgatando a figura mítica asteca de Coatlicue como referência de conexão com a ancestralidade e, mais uma vez, ressignificando estas mulheres ou deusas com o intuito de resgate de identidades ancestrais e exemplo de consciência e/ou potência feminina.

Outro momento importante mencionado por Calderón (2022), para a literatura chicana feminista que, priorizamos para nossos estudos, foi a fundação da *Third Woman Press* por Norma Alarcón em 1980, “a primeira revista e editora feminista, lésbica e decolonial” (2022, p.334). Outro nome importante que Alarcón trouxe para o movimento é o de Sandra Cisneros (1954) que soma contemporaneidade às produções no lugar que são reservados para as escritoras de origem mexicana nos Estados Unidos. Cisneros aporta narrativas (romances, contos) que reforçam as tensões históricas e culturais chicanas.

São muitas as iniciativas que reforçam a importância e a sedimentação da literatura chicana, não somente sendo recebida por um leitor de sua comunidade, mas claramente como uma força de resistência decolonial para a América-Latina.

A literatura chicana desenvolveu-se com uma força surpreendente desde a publicação de *Y no se lo tragó la tierra*, em 1971, até atualidade. Dos estados fronteiriços do Texas, Novo México, Arizona e Califórnia, a tradição se expandiu para Chicago e o Centro-Oeste. Até 2050, estima-se que a população latina será 30% da população do país. (CALDERÓN, 2022, p.339).

2.2. FRONTEIRA, RAÇA, CLASSE, GÊNERO E SEXUALIDADE NA LITERATURA CHICANA

A partir do exposto acima sobre a formação da literatura chicana, podemos pensar na diversidade de subjetividades, considerando as interseccionalidades intrinsicamente refletidas na produção literária.

Com relação à fronteira, é possível pensar que ela não está circunscrita somente ao norte do México e ao sudoeste de Estados Unidos porque muitos destes autores romperam fronteiras, assim como no caso de Gloria Anzaldúa que viveu em diversos lugares no Texas, na Califórnia, em Vermont como mencionado em sua biografia. Américo Paredes viveu no Texas, Carmen Tafola em Texas e Califórnia; Cherríe Moraga, em Los Angeles e San Francisco; John Rechy em Nova York e Los Angeles; Luiz Valdez, em Califórnia; Norma Alarcón, em Chicago e Paris; Sandra Cisneros, em Chicago, Califórnia, Texas.

Porém, em seu ensaio “A nova nação mestiça: um movimento multicultural”, Gloria Anzaldúa (2021a), alerta sobre o conservadorismo de movimentos neofascistas xenófobos, racistas, homofóbicos, transfóbicos em relação à literatura chicana, dado a interseccionalidade que ela representa e em relação às vivências dos representantes da mesma devido à este processo de expansão em diferentes espaços do território americano.

Portanto, partindo do pressuposto que a literatura chicana é diversa e que essa diversidade é vista negativamente em um momento no qual afluíam ideias conservadoras, era importante que a comunidade chicana de autores e artistas fosse resistente para que suas narrativas não se invisibilizassem.

De uma forma geral, em 1987 quando a autora foi precursora da necessidade de pesquisa voltada para o campo da literatura latino-americana, ela reconhecia que:

há algumas poucas disciplinas – Estudos de Gênero, Estudos étnicos e alguns segmentos de Estudos Americanos e Estudos Latino-americanos – que são progressistas e estão abertos para outras formas de pensamento e às de literaturas das pessoas de cor. (ANZALDÚA, 2021a, p.183).

Essas poucas iniciativas são relevantes para a divulgação destas narrativas não como um nicho, mas como um processo de criação de um público leitor e pesquisador da multiculturalidade na sua amplitude para além da América Central ou Latina.

Para complementar, Calderón agrega que a “a década de 80 foi um período de mudanças radicais na literatura chicana. Era possível falar de escritoras chicanas e de uma reivindicação feminina do movimento chicano, que passa a utilizar a dupla marca de gênero: *chicano/a*

movement.” (Calderón, 2022, p.331). A potência do movimento ganha então outras possibilidades, primeiramente com o feminismo.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE *BORDELANDS / LA FRONTERA: LA NUEVA MESTIZA*

Você fica mais perto de casa quando está mais longe.
(ANZALDÚA, 2021, p.152)

O ensaio “Sobre o processo de escrever *Borderlands/La Frontera*” (1991) foi apresentado primeiramente como uma palestra lecionada em uma universidade, tendo sido posteriormente transcrito para trazer à tona as motivações da autora para escrever a obra. Trata-se claramente do processo de escrita, do contexto em que a escritora vivia para escrevê-lo. Neste ensaio, ela manifesta suas motivações para trazê-lo ao mundo.

Anzaldúa estava lecionando na Universidade de Vermont, norte dos Estados Unidos, onde percebia um estranhamento das pessoas em relação à sua cor. O sentimento de ser uma “alienígena” e a saudade que tinha do Texas reforçavam seu estado de deslocamento e necessidade de expressar-se. De fato, ela percebia o racismo, a homofobia e o preconceito de classe, e, dos sentimentos que afloravam, deixou que a escrita fluísse. Separou poemas escritos anteriormente, pensou como poderia segmentá-los.

Ou seja, inicialmente a obra foi organizada através da segmentação de escritos e poemas já escritos pela autora e que ela tentava organizar por temáticas. Mas, seu intuito não era só apresentar as produções escritas que se relacionavam com sua vivência fronteiriça que levava à vivência colonial e de subalternidade como uma mulher de cor, mestiça, lésbica. Seu objetivo era mais completo. Para além de divulgar, também desejava teorizar sobre a comunidade chicana.

“Olha, esse texto é sobre o que significa crescer bilíngue; pode caber na seção sobre linguagem e identidade. Esse aqui é um poema sobre a opressão que mulheres sofrem, esse outro sobre violação dos corpos das mulheres.” Eu conecto a violação dos corpos das mulheres à violência da terra, e então à específica apropriação de terras indígenas e chicanas no sudeste – e decido que ambos os poemas podem integrar a seção sobre perder o território. (ANZALDÚA, 2021a, p.153).

Neste trecho, por exemplo, é possível perceber que, a partir da violação dos corpos das mulheres, a autora faz um paralelo com a violência da terra, no sentido da dominação de algo que é de pertencimento único e legítimo do ser que detém seu corpo e sua terra. No entanto, a exploração de um leva à exploração do outro.

Propositalmente, para fazer frente a esta questão, Anzaldúa desejou escrever no seu estilo *mestiza*, tanto no aspecto linguístico quanto cultural, sendo que o mercado editorial masculino e chicano lhe fechou as portas, razão pela qual Anzaldúa buscasse o apoio das

editoras feministas. E o estilo escolhido pela autora era definitivamente arriscado. Ela arremata: “Há muitas lacunas entre as passagens – seu estilo é elíptico e espiral.” (ANZALDÚA, 2021a, p. 156)

Além dessa grande espiral que faz com que o leitor tenha que muitas vezes retomar partes para dar fluidez ao texto, um outro aspecto relevante na leitura é a constante mudança de códigos entre idiomas. *Borderlands* foi escrito de forma translíngua, fruto de todas as fronteiras experienciadas pela autora.

Outra questão cara à Anzaldúa, é a sua própria conexão entre ela e o leitor que é livre para ressignificar o texto permitindo uma possibilidade que se façam relações entre o que ali está sendo narrado e a conexão com a própria vida desse leitor. Então, a escritora vai dizer que “há certas coisas que a autora monta para a leitora, mas a leitora é, em alguma medida, uma coautora” (2021a, p. 158). Essa ideia de recepção e o fato de que, neste trecho especificamente, a autora não se utiliza da linguagem neutra, ela parece assumir a cumplicidade desta possível coautoria somente com outra mulher, independente de que ela não direcione seu livro para o público de um gênero específico. De qualquer forma, é interessante pensar na visão de que a recepção com uma leitora se aproxima da vivência que ela tem com outras mulheres.

Usando o conceito de *mestiza*, eu falo sobre pessoas como nós que são biologicamente *mestizas*, e cultural, intelectual e psicologicamente *mestizas* – essas somos nós, pessoas de cor. Mas há também mulheres brancas, mulheres da classe trabalhadora que, por virtude de sua experiência, tiveram que lidar tantas vezes com outras culturas, seja através de seus estudos universitários ou por terem uma amante que é negra, ou chicana ou asiática ou nativa, ou por terem sido criadas em um bairro junto a pessoas de cor. Essas brancas fizeram travessias, elas se tornaram *mestizas* culturais. (ANZALDÚA, 2021a, p.160-161).

Essa colocação também vem de encontro com a reflexão de compreensão da relação entre a pessoa que, dadas às questões históricas, está permeada da multiculturalidade por ser transnacional e a pessoa que se apropriou da multiplicidade por convivência com o outro. Existe a hipótese válida de pesquisa, mas esta pode ser superficial, como menciona a autora (2021a). As narrativas mais fiéis descendem daqueles que escrevem sobre sua cultura como sua língua, sua religião, suas tradições.

3.1. GLORIA ANZALDÚA E SUAS FRONTEIRAS

Empecé naciendo en una cultura que filosofa mucho... Además, cuando era pequeña, mi forma de escapar de gran parte del dolor que sufría era por medio de la lectura. (ANZALDÚA, 2021b, p.284)

A apresentação de Gloria Evangelina Anzaldúa permite conhecer muitas camadas superpostas, entrelaçamento de ideias e os inevitáveis rótulos aos quais ela problematizava, ao supor que a subjetividade do indivíduo não pode ser restringida pela ideia que o outro deduz e sim como o próprio ser se nomeia.

No entanto, antes de adentrarmos à essas questões, é importante relacionar sua vida com o contexto histórico recém exposto. Anzaldúa nasceu em *Valle del Río Grande*, no sul do estado do Texas / Estado Unidos, em 26 de setembro de 1942, pode-se assim dizer nas *borderlands* entre México e Estados Unidos, pertencendo à sétima geração da sua família a nascer neste país.

Como realidade resultante da história da colonização espanhola e, posteriormente, da tomada de parte de território do México por parte dos EUA, a sociedade chicana que ali formou-se era composta majoritariamente por trabalhadores rurais. Seus pais, frutos do meio, não tiveram outras oportunidades e trabalhavam em ranchos quando se conheceram e casaram-se. A mãe de Anzaldúa tinha apenas dezesseis anos quando ela nasceu e a família precisava buscar trabalhos no campo.

Para ela, sua existência já se afasta do que ela chama “*una verdadera raiz mexicana original*” (2021b, p.280). Sua família, em razão do Tratado de Guadalupe-Hidalgo foi dividida entre aqueles que se estabeleceram acima desta linha fronteiriça, ou seja, os estadunidenses, e aqueles que permaneceram abaixo, os mexicanos.

No entanto, se consideramos um passado ainda mais remoto nesta linha do tempo da ancestralidade e para fazer relação com os fatos históricos, Anzaldúa conta em entrevista dada à pesquisadora alemã Karin Ikas em 1991, publicada posteriormente (ANZALDÚA, 2021b).

Mis antepasados indígenas se remontan a veinte o veinticinco mil años y esa es la edad que tengo en este país. Mis antepasados españoles llevan en esta tierra desde que Europa se apoderó de ella y comenzó la emigración española desde España a México, Texas, formaba parte de un estado mexicano llamado Tamaulipas. Y Texas, Nuevo México, Arizona y parte de California y Colorado, que constituían el norte de México. (ANZALDÚA, 2021b, p.280).

Desde pequena, era uma menina “estranha” e o termo não é uma coincidência com o “*queer*” que viria no futuro. Anzaldúa se retraía pela dor emocional e física. A primeira relacionada ao seu deslocamento no lugar cultural que não lhe dava pertencimento. O segundo porque ela teria um distúrbio hormonal que resultou numa puberdade precoce aos seis anos. Por isso, se refugiava na leitura. Ainda muito jovem, leu Nietzsche, Schopenhauer, Sartre, Jeffner Allen, María Lugones etc.

Anzaldúa conta a Ikas (2021b) que conseguiu terminar os estudos, ainda que revezasse com o trabalho no campo, e ingressou na Universidade Panamericana graduando-se como bacharelada em Belas Artes em 1969. Em seguida, concluiu seu mestrado em inglês e educação em 1972 na Universidade do Texas quando se tornou professora do Ensino Básico e lecionou para alunos migrantes, crianças com problemas psicológicos e emocionais, e, posteriormente para estudantes de secundária lecionando inglês e literatura. Enquanto também ministrava aulas de temática chicana, iniciou seu doutorado.

Vale ressaltar que esse início, como Anzaldúa revelou a Ikas, trabalhar uma tese centrada em teoria feminista e literatura chicana não eram consideradas temas visíveis porque obviamente as temáticas eram preponderantemente hegemônicas no sentido tanto epistemológico como também local (estadunidense). (ANZALDÚA, 2021b, p.274)

Em 1977, a escritora abandonou seus estudos e foi para Califórnia, onde passou a participar do Sindicato de Mulheres Escritoras, onde, entre outras escritoras, conheceu a estadunidense Cherríe Moraga, com quem veio a escrever *The Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color* (1981) abordando as interseccionalidades do feminismo numa provocação clara a branquitude do feminismo, assim como a americana Angela Davis publicava *Women, Race and Class* nos Estado Unidos e Lélia Gonzalez, *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano* no mesmo ano no Brasil.

Seus alunos comentavam que haviam lido *Borderlands* e que já não a reconheciam mais. De certo, a obra, escrita entre 1984 e 1986, marcou muito mais uma perspectiva decolonial do que propriamente seu ativismo político e seu pensamento feminista. Nesta época da escritura, participava dos movimentos chicanos assim como movimento de trabalhadores rurais. Especificamente naqueles primeiros movimentos, sua voz de mulher assertiva já se destacava quando denominava-o de *Movimiento Macha*, termo decorrente de *marimacha*, o que significa a caracterização de uma mulher com comportamentos esperados dos homens.

Entre os anos 80/90, com a força da participação de Anzaldúa numa nova fase dessas organizações, muitas mulheres, de diferentes áreas, já estavam à frente e tomavam a liderança. Começaram a ler não somente sua obras, mas também as de Moraga, pesquisadora de mulheres lésbicas em condição de minoria, principalmente as latinas. Em 1987, *The Bridge Called My Back* foi traduzido para o espanhol com o título *Esta puente, mi espalda*, importante aporte para dar voz a um feminismo mais plural, que finalmente contemplasse as percepções de raça, classe social, gênero, religião, entre outras possíveis perspectivas.

Para melhor situar o momento em que Anzaldúa vivia no final dos anos 80 e anos 90, podemos traçar um panorama através da metáfora da ondas feministas. Neste sentido, segundo

Zilber (2021) este foi um momento em que se parecia haver um questionamento se o movimento feminista já havia cumprido seu papel nas etapas anteriores como no caso do direito ao sufrágio, melhores condições de trabalho e educação, a consciência da mulher como subalterna ou “do lar”, fazendo referência às obras de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949) e de Betty Friedan em *A mística feminina* (1963).

A segunda onda também já teria trazido à tona os diferentes tipos de opressão, para além das mulheres brancas e de classe média, na medida do sistema patriarcal e capitalista.

O feminismo radical, o feminismo socialista e o feminismo liberal costumam ser identificados como as três grandes linhas de elaboração teórica da segunda onda, o que é verdadeiro apenas em parte, uma vez que feministas negras, latinas, lésbicas, anarquistas e ecologistas também estavam produzindo suas ferramentas teóricas e reflexões sobre a realidade. (ZILBER, 2021, p.19).

Portanto, a terceira onda estaria fadada a não existir e já se falava de uma era pós-feminista não fosse o ensaio “Tornando-se a terceira onda” (1992), publicado na Revista MS, da escritora feminista Rebecca Walker com a convocatória das jovens para discutir as pautas do racismo, do sexismo e de classe, percebendo-se diferentes agrupamentos de mulheres e “feminismos” (ZILBER, 2021, p.21)

Então, considerando este contexto, se pensarmos nas metáforas das ondas, é possível situar o pensamento e as obras de Anzaldúa entre a segunda e a terceira onda, sendo que nesta última, ela se preocupava com questões que beiravam os estudos interseccionais no também no sentido cultural, já que como mestiça – e essa sendo uma de suas camadas – começou a escrever livros infantis e juvenis.

A escritora percebeu que os chicanos jovens já começavam a perder a consciência de sua história, ancestralidade e cultura, o que considerava perigoso dentro de uma necessária formação de percepção cultural.

“Intracultural” se refiere al interior de la cultura chicana y mexicana. “Intercultural” se refiere a cómo nos relacionamos con otras culturas, como la cultura negra, las culturas americanas nativas, la cultura blanca y las culturas internacionales en general. (ANZALDÚA, 2021b, p.278).

Para além destas questões, como também revelada em entrevista a Ikas, a religiosidade em Anzaldúa estava presente no que ela chamava de *mestizaje* espiritual, como um amálgama de suas múltiplas fronteiras filosóficas. Da parte indígena mexicana, o *nahualismo* (xamanismo); da origem cristã do povo mexicano, um catolicismo sincrético com entidades americanas e indígenas mexicanas; da parte oriental, a meditação; do universo, a natureza. E ainda possibilidades de criação de entidades, como criou *Antigua, mi diosa* em momentos de

solidão. *Antigua* se desdobra e pode de repente ser *Coatlicue*, a mulher serpente do imaginário mítico dos Astecas, ou *La Virgen de Guadalupe*, representação da Virgem Maria e padroeira do México.

E assim, foi percebido que não importando o território, a divindade mulher seria representada de uma forma, porém, só mudavam os nomes, porque as divindades são paralelas. Seria assim com os orixás de origem africana como Iemanjá e Oyá ou de qualquer outra origem, como as figuras míticas de *La Llorona* ou de *Coyolxauhqui*, que podem sugerir as influências múltiplas de Anzaldúa em suas relações espirituais, sempre rompendo as fronteiras.

Anzaldúa queria transformar *La Prieta* em uma versão para jovens, publicar histórias diferentes, um livro sobre a relação com sua mãe, um romance com uma protagonista inspirada em sua irmã, porém, ela mesmo reconhecia que sua diabetes era uma incógnita.

La nueva mestiza era essa mulher de cor, nascida no sul do Texas, portanto chicana, mas com raízes impregnadas por sua ancestralidade indígena, mexicana, estadunidense. Ultrapassou barreiras impostas pela sociedade na condição de mulher, estudou e não deu continuidade ao destino comum aos colonizados. Ao invés de ser mais uma trabalhadora do campo, tornou-se professora, pesquisadora, escritora, ensaísta, poeta.

La nueva mestiza era uma mulher que gostava de mulheres. Porém, o termo “lésbica”, para ela, definia melhor mulheres brancas e de classe média, que excluía sua cor e classe. Em seu ensaio “Esquertiza(r) demais a escritora – loca, escritora y chicana” de 1991 e traduzido em 2017, ela discute os termos pejorativos de sua comunidade/língua de origem como *loquita*, *jotita*, *marimacha*, *pajuelona*, *lambiscona*, *culera*. Assim como o termo *náhuatl patlache*. De todas as formas, compreendendo os rótulos identitários e o peso que carregavam, Anzaldúa, neste ensaio, tratou de demonstrar preferência. Então, quanto ao seu gênero, ela preferia estar na fronteira de termos da língua inglesa como *dyke* ou *queer*, ainda que este “falso guarda-chuva unificador sob o qual “queers” de todas as raças, etnias e classes são enfiadas”. (ANZALDÚA, 2021a, p. 127)

Gloria Anzaldúa faleceu aos 61 anos por complicações decorrentes da diabetes em 15 de maio de 2004 na Califórnia, três anos depois da entrevista dada à pesquisadora alemã Karin Ikas, incluída, posteriormente, às novas edições de *Borderlands / La Frontera: La Nueva Mestiza*.

3.2. BORDELANDS / LA FRONTERA: TEMAS E ESTRUTURA DO LIVRO

Se fosse possível um resumo, poderíamos explicar que *Borderlands / La Frontera: La nueva Mestiza* é uma obra autobiográfica não convencional, inovadora e transcendente, no que tange ao feminismo. Muitas perspectivas de análise poderiam ser pensadas. No entanto, assim como já postulado na introdução deste trabalho, nos importa entender principalmente a decolonialidade e o gênero como fronteiras. Por isso, abordaremos mais profundamente as temáticas que são sensíveis a estes aspectos.

Percebemos que os aspectos históricos, sociais, cosmogônicos, políticos, econômicos se encontram ampliados para conceber a vida e a consciência desta mulher multifacetada, sua origem e sua identidade, fruto de tantos atravessamentos, transmitidos poeticamente, seja em prosa ou poemas, que se entrelaçam na narrativa. A autora assume um eu-lírico que se expressa no livro como um sujeito translíngue, mestiço, que se pensa no âmbito da decolonialidade e nos fala desde uma perspectiva de gênero.

Anzaldúa começa pela pátria Aztlán. O presente é um passado não esquecido. Então, o primeiro tema é a fronteira física. E este tema obviamente não está somente no título ou neste primeiro capítulo. As fronteiras em Anzaldúa podem ser físicas no sentido territorial, podem ser culturais no sentido colonial e opressor, podem ser transcendentais no sentido cosmogônico, podem ser imaginárias e psicológicas no sentido existencial e emocional e ainda podem ser linguísticas no sentido sociolinguístico. E é desta maneira que pretendemos apresentar os temas da obra, ou seja, por fronteiras.

No primeiro momento, temos tanto a contextualização histórica de que como esse lugar ancestral, ocupado em épocas remotas, dando origem a uma diversidade de povos indígenas, incluindo a civilização asteca, se converteu em um lugar dominado pelos espanhóis, que destroçou o povo e cultura originários, até a perda de território para os Estados Unidos, a independência do Texas e o Tratado Guadalupe Hidalgo. Esta nova configuração fronteiriça resultou no espaço demarcado como norte-americano, ocupado pelos mexicanos que perderam suas terras, como no caso da família de Anzaldúa, passaram a trabalhar nas empresas que recuperaram os campos secos da guerra e nas *maquiladoras*⁵ para a produção barata de manufaturas a serem exportadas para os Estados Unidos, recebendo indenizações e remunerações irrisórias.

⁵ Uma *maquiladora* é uma fábrica de produção de manufaturas que importa a matéria-prima e/ou equipamentos para a elaboração de bens manufaturados, posteriormente exportados, na sua maioria, para os Estados Unidos com isenção de impostos e outros benefícios.

No bojo deste pensamento, está a imigração. “Aztlán” se transformou em um quintal americano em que *los mojados*⁶ migram sem documentação na tentativa de oportunidades, já que no México não há horizonte de prosperidade. Porém, a realidade é que não encontram possibilidades dignas e acabam ocupando postos de trabalho exploratórios e irregulares. Ou seja, as questões históricas, políticas e econômicas, na esfera do colonialismo, são centrais na obra porque são resultado de um processo temporal e sistemático.

A questão cultural é mais uma fronteira a ser transposta por Anzaldúa: “Pero a pesar de mi tolerancia cada vez mayor, para esta Chicana, *la guerra de independencia* es una constante.” (ANZALDÚA, 2021b, p. 55). Os valores culturais chicanos são uma fonte de opressão, tramada principalmente pelos homens em um círculo vicioso como a autora (2021b) descreve porque, se os homens criam, as mulheres tratam de perpetuar. Digamos que a Igreja Católica tem um papel importante no reforço deste ciclo.

Sendo assim, cabem à mulher as opções de tornar-se uma religiosa, uma mãe-esposa ou uma prostituta. A opção da educação, seguida por Anzaldúa, é uma exceção reservada à estas mulheres vistas como rebeldes, egoístas, invejosas. Portanto, as duas últimas opções significam um fracasso.

“¿Y cuándo te casas, Gloria? Se te va a pasar el tren”. Y yo les digo: “Pos si mi caso, no va a ser con un hombre”. Se quedan calladitas. Sí, soy hija de la Chingada⁷. Siempre he sido su hija. No ‘tés chingando. (ANZALDÚA, 2021, p.57)

Além das atribuições feitas à mulher nesta comunidade, também existem percepções míticas, como ligações do seu ciclo menstrual ou da geração de um filho que são vistos como sobrenaturais e caracterizam, a figura de *la Bestia-Sombra* que coloca a mulher como ameaçadora, que devem ser protegidas de si mesmas e, principalmente, serem protegidas da provocação que podem causar aos homens, gerando uma contradição, em que ela deve ser afastada dos homens, mas fazer o que eles digam.

Ainda neste aspecto, não se admite o que se chama de uma conduta de “desvio” no sentido sexual: “Los homosexuales, los *queers* son el espejo que refleja el miedo de la tribu heterosexual: ser distinto, ser otro y, por lo tanto, ser menos, por lo tanto, ser sub-humano, inhumano, no-humano”. (ANZALDÚA, 2021b, p.59). Assim mesmo, nesta primeira abordagem

⁶ A expressão *espalda mojada* ou *mojado/a* (em inglês: *wetback*) se refere a um imigrante irregular nos Estados Unidos normalmente faz referência a mexicanos, mas também se aplica a qualquer centro-americano ou sul-americano que cruzou a fronteira de modo irregular.

⁷ Referência a Malinche, a indígena que tornou-se símbolo de traidora por ter passado a viver com o espanhol Hernán Cortés.

sobre gênero, que a autora associa em sua biografia com esta sensação metafórica, de sair de sua casa, de soltar a mão de sua mãe, está dentro do âmbito cultural porque ela, de fato, concebe que as pessoas que são “mitad y mitad” não sofrem por esta identidade de acesso a dois mundos, mas sim pelo mundo real que as estigmatiza de constructos pré-concebidos e que cerceia a liberdade e natureza do ser.

O pensamento de Anzaldúa é muito evidente: “Lesbiana criada em la religión católica y adoctrinada como heterosexual, yo elegí ser *queer* (para algunas personas es inherente genéticamente). Es un camino interesante, uno que no deja de entrar y salir de lo blanco, lo católico, lo mexicano, lo indígena, los instintos.” (ANZALDÚA, 2021b, p.60). E colide com a teoria no sentido de que ela já traz a reflexão entre escolha versus a inerência no sentido do gênero.

A partir deste ser mulher de cor e lésbica, nas fronteiras físicas e culturais coloniais, considerada *la Bestia-Sombra*, o medo bloqueia a possibilidade de ser quem se é, e não se trata de julgamento, trata-se de violência porque a autora (2021b) observa que, neste bloqueio, existem duas possibilidades: ser vítima ou ter controle.

Já as fronteiras transcendentais estão presentes na narrativa com uma perspectiva espiritualista, porém, também formam parte do amálgama cultural e de crenças da comunidade chicana. Os capítulos “*Penetrar em la serpiente*” e “*La herencia de Coatlicue*” se conjugam para trazer a discussão de gênero e com a subjugação da mulher como finalidade de inferiorização e domínio masculino. O símbolo da serpente é forjado como uma força sexual obscura e do mal.

Mas antes de entrar nesta tensão, ela narra o evento em que, mesmo com avisos ameaçadores da mãe, todos de caráter sexual, caso ela permitisse que uma cobra se aproximasse dela, como se isso pudesse ser evitável para uma criança que trabalhava na plantação de algodão. Quando o inevitável aconteceu, ou seja, ela foi picada por uma cascavel, a mãe mata a cobra e a filha chupa e cuspe o veneno, como se este veneno pudesse feri-la de morte, mas sim transformá-la no símbolo da representação erótica da cobra.

Nessa mesma noite Anzaldúa teve um sonho:

...soñé con colmillos⁸ de serpiente de cascabel que me llenaban la boca, con escamas que me cubrían el cuerpo. Por la mañana, vi con ojos de serpiente, sentí sangre de serpiente fluir por las venas. La serpiente, *mi tono*⁹, mi contraparte animal. Era inmune a su veneno. Inmune para siempre. (ANZALDÚA, 2021b, p.69).

⁸ Diente agudo y fuerte, colocado em cada uno de los lados de las hileras que forman los dientes incisivos de los mamíferos, entre el más lateral de aquellos y la primera muela.

⁹ Poderes sobrenaturais da alma animal.

Para compreender o simbolismo deste evento, precisamos compreender a temática espiritualista da cultura mexicana, a princípio fortemente marcada por deusas mulheres. Se começamos por hoje, a grande padroeira e mãe dos mexicanos é *la Virgen de Guadalupe*. Porém, trata-se de um sincretismo da fé católica porque para a genealogia indígena a grande divindade é *Coatlalopeuh*¹⁰. Segundo Anzaldúa (2021b), esta deusa, assim como outras deusas descendem de *Coatlícue*, uma imagem com crânio, um colar de corações humanos e uma saia de serpentes, “Diosa creadora, era la madre de las deidades celestial, y de *Huitzilopochtli* y su hermana, *Coyolxauhqui*, la de las Campanas Doradas, Diosa de la Luna, que fue decapitada por su hermano”. (ANZALDÚA, 2021b, p.69)

Coatlícue também era representada por outra deusa mais “abrandada”, chamada *Tonantsi*. Sendo assim, considerando a supremacia masculina da cultura asteca, as deusas mulheres foram subvertidas ao infra mundo desta cosmogonia e substituídas por divindades masculinas. Portanto, a partir da conquista/colonização, preferiu-se associar *la Virgen de Guadalupe* a *Tonantsi* como protetora do povo mexicano e, para a fé católica apostólica, a Virgem Maria. Esta compreensão está relacionada à castidade e à pureza, valores que predominam e interessam ao patriarcado desta cultura já ocidentalizada. Por outro lado, as deusas ancestrais foram associadas a *La Chingada*, prostitutas e traidoras, na figura de *Malinche*, já comentada anteriormente.

Quando Anzaldúa é mordida pela cobra, símbolo da serpente, ela se imuniza, ou seja, se torna parte de este lado subversivo e que posteriormente faz sentido com seu gênero e sua identidade *queer* no mundo. E *La Virgen de Guadalupe* é a representante espiritual, em sua versão católica apostólica, mais venerada pelos chicanos e mexicanos, ainda que ocorra assimilações da cultura indígena no culto. É a potência da fé feminina, maternal, santa, abnegada e dedicada aos que sofrem, ao lado das outras mães não católicas *La Chingada* e *La Llorona*¹¹.

As fronteiras imaginárias e psicológicas no sentido existencial e emocional começam a aparecer quando Anzaldúa ainda é muito pequena em episódios relacionados a “*La herencia de Coatlícue*”. É possível entendê-los como momentos de transe em que a autora sente sua psiquê invadida e elabora, mais tarde, o efeito que transborda seu ser e que a faz perceber a condição pela qual não seria aceita e que a amedrontava.

¹⁰ “*Coatl* es la palabra azteca para serpiente. *Lopeuh* significa la que ejerce soberanía sobre serpientes.” (ANZALDÚA, 2021b, p.72).

¹¹ “...la madre que busca a sus hijos perdidos y que es una combinación de las otras dos.” (ANZALDÚA, 2021b, p.74).

Yo tenía dos o tres años la primera vez que *Coatlicue* visitó mi psique, la primera vez que me “devoró”. (y que “caí” en inframundo). Por la mirada preocupada de mis padres, me di cuenta enseguida de que a mí me pasaba algo terriblemente malo. Mientras me hacía mayor, solía mirarme en el espejo, temerosa de *mi terrible secreto*, el pecado secreto que intentaba ocultar – *la seña*, la marca de la Bestia –. Me daba miedo que fuera evidente a los ojos de todo el mundo. El secreto que procuraba esconder era que yo no era normal, que yo no era como las demás personas. Me sentía ajena, sabía que era ajena. Era la mutante a la que se expulsa del rebaño a pedradas, un ser deformado con el mal en su interior. (ANZALDÚA, 2021b, p.91).

A certeza de sua inadequação nasce junto com a certeza de que Anzaldúa teria sua existência confrontada com o “não ser igual a todo mundo”. Mas é nessa confrontação que criam os mecanismos de defesa como ocorre na comparação com o cactus, assim como cada sentimento de repulsa em relação ao preconceito.

No campo linguístico, as fronteiras são abstratas, formadas pelos grupos sociais que ocupam os espaços físicos, mas que acabam colidindo na sua linguagem e expressão devido à imposição de comunicação na língua oficial do território, o inglês padrão. Porém, Anzaldúa (2021) relaciona pelo menos mais sete línguas, como: o inglês de classe obreira, o espanhol padrão, o espanhol mexicano padrão, o dialeto espanhol do norte do México, o espanhol chicano, o tex-mex e, por fim, o *pachuco*¹².

Ou seja, como escritora e como pessoa consciente do efeito da sua linguagem na sua escrita, a autora defende os usos que são circunstanciais “así que, si de verdad quieres hacerme daño, habla mal de mi idioma. La identidad étnica es como una segunda piel de la identidad lingüística – yo soy mi lengua.” (ANZALDÚA, 2021b, p. 111). Sua obra, como toda a literatura chicana, se utiliza do translinguismo como “marcação de território e de identidade”. O cambio de código é um recurso estético, mas também é decolonial, no sentido que descentraliza a linguagem hegemônica.

Quanto à análise da estrutura da obra, há de se pensar que ela está integrada com o processo de escrita de Gloria Anzaldúa, uma narrativa em espiral, trazendo elementos que se conectam, histórias dentro de histórias, leva à uma estrutura diferenciada. Inicialmente, é preciso lembrar que *Borderlands* é uma obra de 1987 e foi escrita originalmente em inglês, ou melhor, spanglish e náhuatl. Devemos lembrar que estamos tratando de um sujeito transnacional, transcultural e translíngue – *La Nueva Mestiza*.

¹² “Esta lengua (el idioma del movimiento de los zoot suiters) es una lengua de rebeldía, tanto contra el español estándar como contra el Standard English.” (ANZALDÚA, 2021b, p. 107)

González, traz o pensamento de George Steiner de que “o escritor extraterritorial é um sujeito que escreve deslocado de sua língua materna, sendo que esse “desabrigo linguístico” se constitui em uma poética” (GONZÁLEZ, 2022, p. 365). *Borderlands* é um ensaio autobiográfico, mas também é ao mesmo tempo uma grande obra poética sobre a vida da autora, transpassada de poemas, ficção, relatos, muitas lendas e mitos ancestrais.

Pensando na experiência de vida e na escrita de Anzaldúa, podemos considerá-la uma escritora extraterritorial. Não se trataria da clássica extraterritorialidade diaspórica, mas o ser extraterritorial está na escritora, considerando que o território que pertenceu ancestralmente aos seus antepassados foi usurpado e nele, ela convive como uma *fuereña*, como ela diz no verso “*te sientes en casa, una fuereña*” de seu poema, que consta da obra *Borderlands*, “*Vivir en las Borderlands significa que tú*” (1987).

Quanto à sua organização, a obra está dividida em duas grandes partes: “*Atravesando fronteras / Crossing Borders*” e “*Un agitado viento / Ehécatl, el viento*”. A primeira, subdivididas em sete capítulos, desenvolve a biografia majoritariamente em prosa poética, porém estes capítulos também possuem subdivisões e estão entremeados de poemas. Ou seja, trata-se de uma narrativa, a autora é a narradora em primeira pessoa, mas como temos, mesmo na prosa, uma escrita poética, neste hibridismo, é possível associar esta narradora com um eu-lírico.

Já na segunda, temos seis capítulos, também subdivididos, porém, cada um possui um agrupamento de poemas. Os capítulos são temáticos, sendo assim suas subdivisões também estão relacionadas com a parte em prosa, porém, em uma antologia de poemas porque, como já mencionado anteriormente a escrita de Anzaldúa, seja ela prosa ou poesia, remete a esta última. Estas subdivisões/poemas abrangem temas mais nostálgicos como a vida no passado, sua infância, sua mãe e avós, o trabalho no rancho, mas também temas mais doloridos como a pobreza, a opressão, a violência, a homofobia, o patriarcalismo, o misticismo, o sexo. Além dessas temáticas, obviamente que não poderia faltar a questão da fronteira, da cultura chicana e do “outro” ou da “outra”, a *mestiza*.

Por fim, para a escritora, a fronteira é tão grande como um mito ancestral. Os mitos como narrativas transcendentais, imaginárias que ultrapassam os limites do concreto para transformar-se em fortes simbologias e metáforas que buscam explicar o subconsciente coletivo. De certo, além da disputa colonial, mas também como vimos ao longo deste trabalho, para Anzaldúa, estas fronteiras também são culturais, principalmente, por sua teorização como *Nueva Mestiza* e *Queer*.

A teorização do sujeito *queer* passa por suas experiências subconscientes, que trazem a dor e o sofrimento daquele que constrói sua identidade ao invés de aceitar a prescrita pela sociedade e suas necessidades de impor constructos que sirvam ao sistema dominante, principalmente se, neste sistema, estiverem envolvidas as forças que já trabalham, de uma certa forma, juntas. Como as instituições religiosas, as forças do sistema político-econômico, o patriarcalismo, o conservadorismo que polarizam, e não aceitam a mudança de status quo da igualdade feminina em todas as esferas e da problemática de gênero que vem sendo trazida.

O feminismo negro, com seu caráter diverso (interseccionalidades) abraça uma melhor compreensão, neste sentido que Anzaldúa chama de guarda-chuva, abarcando diversos termos, mesmo que ainda seja contraditório considerá-lo como uma realidade genuinamente fluida.

Ainda assim, cabe reconhecer a imensa contribuição do pensamento da escritora Gloria Anzaldúa para a teoria feminista decolonial e interseccional, rompendo “fronteiras” para além dos feminismos antecessores e, neste caso especificamente do rótulo do lesbianismo que Anzaldúa tanto polemiza como redutor na esfera do gênero e da sexualidade, caminhando para fortalecer, não a teoria e a prática feminista através da literatura chicana para a teoria e literatura universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, podemos retomar algumas das tensões literárias que o estudo e análise de *Borderlands / La Frontera: La Nueva Mestiza* nos fez refletir e que Gloria Anzaldúa nos revela com sua narrativa biográfica no mundo atual.

O primeiro questionamento surge do próprio título, deduzindo que este sujeito feminino não é pura e simplesmente resultado da mestiçagem decorrente da colonização, do encontro de raças e etnias.

Para pensar nesta nova mestiça, nos vem à luz não somente o sujeito como resultado de raças, mas metaforicamente as mulheres que a forjaram em uma mestiçagem abstrata de representações. As figuras de *La Chingada*, a índia supostamente traidora, de *La Llorona*, que lamentava a perda dos seus seres queridos nas guerras, de *Coatlicue*, a deusa-serpente renegada à escuridão e substituída gradativamente pela Virgem de Guadalupe.

Como estamos tratando de uma obra autobiográfica, é natural que façamos uma associação de *La Nueva Mestiza* com a própria Gloria Anzaldúa. Neste sentido, a própria autora nos traz várias respostas que vão além da sua consciência de etnia, resultado da miscigenação fruto da colonização: “Nunca más me van a hacer sentir vergüenza por existir. Tendré mi propia voz: india, española, blanca. Tendré mi lengua de serpiente – mi voz de mujer, mi voz sexual, mi voz de poeta –. Venceré la a tradición del silencio.” (ANZALDÚA, 2021b, p.111)

La Nueva Mestiza é uma mulher chicana de cor que traz com ela a resistência índia, o protesto/lamento das filhas oprimidas, a rebeldia e o reflexo no espelho desta *Bestia-sombra*, desejando recriar seu próprio arquétipo conscientemente feminista e *lesbiana/queer*.

Além disso, não se intimida ao expressar-se com sua *lengua de fuego*, porque esta faz parte de sua mestiçagem linguística, o que caracteriza também uma subversão do sistema de dominação, apesar de todo o processo colonial ter tentado submeter o espanhol e, posteriormente, a submissão da língua inglesa.

Anzaldúa pontua “de esta polinización cruzada racial, ideológica, cultural y biológica, em la actualidad está creándose una conciencia ajena – una nueva conciencia mestiza, una conciencia de mujer. Es una conciencia de las *Borderlands*.” (2021b, p.133).

O segundo questionamento, surgido da ideia da perspectiva decolonial da abordagem da leitura da obra. Podemos afirmar, sem qualquer dúvida, que o principal tema está relacionado com a narrativa e a estrutura do livro que, ao trazer o contexto histórico, ao trazer também em seu título não somente um mais dois termos que se traduzem, *Borderlands* em inglês e *La*

Frontera em espanhol, a questão territorial é um aspecto fundamental não somente na biografia da autora, mas também na formação da comunidade chicana.

E esta comunidade chicana, duplamente colonizada – porque defendemos que a independência do Texas e a guerra que culminou com o Tratado Guadalupe Hidalgo representa uma (re)colonização – foi alvo de exploração e espoliação, de seu domínio, de sua cultura, de suas crenças, de seus conhecimentos, de seus afetos, sendo renegada a subalternidade da colonização e do colonialismo que persiste. Quando o sujeito é o outro em ambos os espaços que pertence, há acima de tudo uma inferiorização identitária.

Mas *Borderlands / La Frontera: La Nueva Mestiza* é um tratado decolonial não somente em sua prosa, mas também em seus versos:

Esta tierra fue mexicana una vez
fue india siempre
y lo sigue siendo.

Y lo volverá a ser.

(ANZALDÚA, 2021b, p.151)

Tratado decolonial no sentido de uma literatura chicana que resiste e reivindica seu lugar na academia, nas escolas, nas bibliotecas, nas pesquisas com o intuito não só de desconstrução do pensamento eurocêntrico ou norte-americano, mas também no sentido de formular novos pensamentos e criações, como na teorização feminista e uma linguagem identitária, que provocam o leitor a repensar o status quo ocidental hegemônico.

Em nosso terceiro e último questionamento, quando o feminismo de Anzaldúa se encontra com a prática, o caminho é aberto pela literatura como legado. É claro que autora também foi ativista e atuou em movimentos feministas. No entanto, mais uma vez, ela não se contentou apenas com os pensamentos já formulados porque simplesmente não a representavam: “Tem que ter muita coragem pra não aquiescer, pra não capitular a uma definição de feminismo que ainda deixa a maioria de nós invisível.” (ANZALDÚA, 2021a, p.49).

No processo de escrever, de narrar acontecimento de sua vida, quando ela assume uma postura verborrágica, adentra ao estranhamento das suas próprias experiências e as traz à tona, temos uma prática cultural potente.

Neste sentido, podemos trazer mais uma vez a ideia da serpente e da deusa *Coatlicue* que, metaforicamente, representam o poder da escolha entre o construto social “mulher” e o sujeito não exatamente padrão, a ideia de *La Bestia-Sombra*. Nesta visão, temos uma

performance do que é necessário ser questionado no feminismo nos termos das interseccionalidade. Ou mais que isso, a real possibilidade de se permitir a exposição como *queer*, por mais que esta atitude ainda venha chocar ou provocar desconforto em uma sociedade que ainda espera o comportamento normativo imposto pelas forças políticas, sociais, econômicas, religiosas a serviço de perpetuação de poder sobre os corpos-territórios.

Para concluir as considerações finais a que nos propusemos pensar ao longo deste trabalho, reconhecemos válido retomar a introdução quando Gloria Anzaldúa se dirige às escritoras terceiro mundistas. Em definitivo, Anzaldúa reconhece as dificuldades de nossas fronteiras físicas, históricas, sociais e emocionais. Porém, ela nos englobou a todas que em alguma geração tivemos uma ancestral colonizada.

Esqueça o teto todo seu – escreva na cozinha, se tranque no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da assistência social, no trabalho ou entre as refeições, entre o sono e a caminhada. Eu escrevo sentada na privada. Nada de trechos longos na máquina de escrever, a não ser que você seja abastada ou tenha um mecenas – talvez você nem tenha uma máquina de escrever. Enquanto varre o chão ou lava as roupas, ouça a cantoria das palavras no seu corpo. Quando você tá deprimida, nervosa, machucada, quando a compaixão e o amor te dominam. Quando você não pode fazer nada além de escrever. (ANZALDÚA, 2021a, p.55-56).

Como mulher, sua rebeldia e a coragem de ter suplantado as expectativas para viver sua vida não significa que a insurgência, a insubordinação, a desobediência feminina seja uma traição. Neste sentido, podemos pensar que a própria cultura mexicana interpretasse o comportamento não esperado de algumas mulheres para servir como exemplo de decolonialidade como marco político.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. IN: RIBEIRO, Djamila (Coord.). *Feminismos Plurais*. São Paulo: Pólen, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Tradução: Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021a.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands / La Frontera: La Nueva Mestiza*. Tradução: Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing Libros, 2021b.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CASER, Maria Mirtis. *O pós-modernismo latino-americano*. Contexto: Revista do Departamento de Línguas e Letras . Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, (4), 1996, p.111-120. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6971>. Acesso em 01/11/2023.

CASTELLANOS, Rosário. *Obras II: poesía, teatro y ensayo*. 1ª ed. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2019.

CALDERÓN, Héctor. *A literatura chicana: notas para uma releitura histórico-literária*. IN: CORDIVIOLA, A. et al (Orgs.). *Temas para uma história da literatura hispano-americana: Inflexões da Narração / Variações do deslocamento*. Porto Alegre: Letra 1, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma; *Interseccionalidade*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

COSER, Stelamaris. *Fronteira*. IN: COSER, Stelamaris (Org.). *Viagens, deslocamento espaços*. Vitória: EDUFES, 2016.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. *Escritas translíngues e comunidades diaspóricas hispano-americanas contemporâneas*. IN: CORDIVIOLA, A. et al (Orgs.). *Temas para uma história da literatura hispano-americana: Inflexões da Narração / Variações do deslocamento*. Porto Alegre: Letra 1, 2022.

GUEDEA, Virginia. *La independencia (1808-1821)*. IN: VON WOBBERER, Gisela (Coord.). *Historia de México*. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económico, 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Orígenes y desarrollo de Mesoamérica*. IN: VON WOBBERER, Gisela (Coord.). *Historia de México*. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económico, 2014.

LUGONES, María. *Colonialidade e gênero*. IN: TEIXEIRA, Heloisa (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MURÍA, José M. *La conquista de México*. IN: VON WOBBER, Gisela (Coord.). *Historia de México*. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económico, 2014.

SOUZA, Livia Santos de. *Raça e gênero: tensões identitárias na literatura da diáspora hispano-americana nos Estados Unidos*. IN: CORDIVIOLA, A. et al. (Orgs). *Temas para uma história da literatura hispano-americana: Inflexões da Narração / Variações do deslocamento*. Porto Alegre: Letra 1, 2022.

VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. *El establecimiento del México Independiente (1821-1848)*. IN: VON WOBBER, Gisela (Coord.). *Historia de México*. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económico, 2014.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu editora, 2020.

RAMÍREZ, Manuel Ceballos. *El Espacio mexicano*. IN: VON WOBBER, Gisela (Coord.). *Historia de México*. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económico, 2014.

WAQUIL, Marina Leivas. *Tradução comentada de Malinche, de Rosario Castellanos: uma dupla correção na história*. *Cadernos de literatura em tradução*, N.23, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/188160> . Acesso em: 04/11/2023.

WOOLF, Virginia. *Um quarto só seu: & e três ensaios sobre as grandes escritoras inglesas: Jane Austen, George Eliot, Charlotte e Emily Brontë*. Tradução: Júlia Romeu. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

ZIRBEL, Ilze. *Ondas do Feminismo*. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 7, n.2, 2021, p.10-31. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/> . Acesso em: 28/10/2023.